

AS MEMÓRIAS

de

ANTÓNIO MARIA POLIDO



Nisa, Março de 1998

Eu António Maria Polido,

vou contar a história da minha vida. Desde miúdo, aos 11 anos de idade saí da escola em Fevereiro de 1932 em Julho fui com os guarda-fios e trabalhadores para a linha de alta-tensão que sai da Central da Bruceira que vai para Castelo Branco.

Eu era guarda da copa do pessoal além desses homens havia mais três rapazes que dois eram aguadeiros e o outro era o cozinheiro ia com ele à lenha e fazia o lume para cozer o almoço e o jantar, cada um tinha a sua panela e uma certam.

Eu naquele tempo ganhava 25 tostões por dia e como era miúdo era muito estimado pelo pessoal, todos me queriam bem. Andei até acabar a linha, andei lá dois meses.

Íamos segundas-feiras e vinham-mos sábado à tarde.

No Inverno deste mesmo ano fui para casa de um lavrador guardar suínos e mais tarde vacas, depois cabras, mais tarde fui ajudante de pastor, e no ano seguinte, na Primavera fui alavoeiro com o meu pai. Acabou-se de ordenhar as ovelhas, fui para o canal da água que sai da praia do Racheiro que vai para a Central da Velada, fui trabalhar para o túnel 4, fui para a primeira boca.

Eu era o ferramenteiro andava a apanhar as brocas rombas que os trabalhadores andavam a furar o túnel com o martelo, eu trazia as brocas rombas, que ia levar ao ferreiro para as aguçar.

Andava assim todo o dia, andava para lá e para cá.

Também trabalhei de noite.

Trabalhava quinze dias de noite e quinze dias de dia.

De noite entrava ao sol posto, e saía ao nascer do sol.

Vinha para casa deitava-me, só me levantava quando a minha Mãe me chamava para ir para o trabalho. Eu levava uma bolsa com o comer para o almoço e para o jantar.

O almoço era às oito da noite e o jantar era às três e meia da noite. Nascia o sol, o pessoal da noite saía e entrava o pessoal do dia.

Andei lá dois meses no túnel, mais tarde mandaram-me embora que já lá não fazia falta.

No Verão de 1934 fui trabalhar para a linha de telefone que vai para a Central da Velada.

Eu fui ser o cozinheiro e o aguadeiro dos homens que andavam a abrir covas para os postes do telefone da Central. Havia também um guarda-fios que era o encarregado dos homens.

A 11 de Outubro do mesmo ano fui para a Central da Velada com uma burra levar encomendas aos empregados que lá habitavam e o correio da empresa. Andei nesse percurso 25 anos e 11 dias. Ao fim deste tempo fui trabalhar para a barreira com o senhor José Rezinho que era o jardineiro, passei a ir um dia para a barreira e um dia de compras.

Andei na barreira 1 ano e 11 meses ao fim deste tempo passei para a Central da Bruceira, porque o homem que lá andava foi reformado e mandaram-me para lá a mim.

Ia um dia à Bruceira e outro à Velada. Andei neste percurso 14 anos.

Mais tarde como acabaram os recados mandaram-me para Nisa para o Armazém. Eu não sabia o que era um Armazém, não conhecia o material que lá havia.

Quando me davam as requisições para eu aviar eu ia chamar um electricista para me ensinar o material do Armazém. Eu com o tempo fui aprendendo a conhecer o material.

Mas com o tempo fui-me desembraseando, ao fim de 30 dias já sabia quase tudo do que havia no Armazém.

Também ia com os guarda-fios para rondas e avarias, e também aviava os recados do escritório ia ao banco, ao correio e várias coisas. Andei no Armazém só 2 anos. Ao fim deste tempo foi para fiel de armazém o senhor Emílio Cebola estive mais quatro anos com ele. Ao todo estive no Armazém 6 anos.

Eu meti as férias para um de Abril.

Mas mais tarde saiu um decreto que eu já lá não voltei. Acabei as férias passei à pré-reforma até aos 65 anos, até que fui reformado pela Caixa. Eu saí aos 59 anos de idade da empresa. Andei 45 anos e 5 meses na empresa.

Em particular como o meu ordenado era pequeno e tinha muita despesa com a burra, a minha mulher ia à Central da Velada e à Bruceira, quando eu ia trabalhar.

Eu andei na serração do senhor José Correia e também andei numa camioneta a apanhar redes de cortiça da Casa Inglesa para a Estação do Peso.

Éramos dois ajudantes e fiz vários serviços que eu podia fazer.

Também andei dois meses numa debulhadora.

Eu ia fazer o que me batia à porta.

Mais tarde fui guarda da energia nuclear, eu fazia aos domingos e feriados.

Tempos depois passei a fazer noites. Andei lá 5 anos. Eu era o guarda-mor.



Quando me casei o meu pai e minha mãe deram-me uma burra para eu levar as compras aos empregados. Ao fim de quatro anos morreu-me a burra com angina.

Eu tinha que levar as encomendas às costas.

Tempos depois um primo da minha mulher, tinha um burro, que no Verão foi para a cortiça e emprestou-me o burro até que ele saiu da cortiça.

Mais tarde o meu sogro comprou uma burra que me emprestava quando eu tinha preciso dela.

Passado uns tempos comprei uma burreca para criar, mas tive que ir ao banco levantar o dinheiro para pagar a mesma.

Naquele tempo passei muito para criar os filhos, mas com o tempo tudo se passou mal ou bem eu tinha um cão que era muito entendido, fazia tudo o que eu lhe mandava fazer, ia comigo à Central.

Não deixava mexer em mim e na burra. Quando ia a minha mulher à Central ele ia com ela, guardava-a.

Quando as filhas eram pequenas ele não deixava mexer nelas.

Morreu de velho na minha casa, eu tinha um bocado de terra à frente onde semeava a comida para a burra depois de ceifar e atar o feno ia lá levar a burra. O cão estava lá a guardá-la, mas ao sol posto vinham ter à porta. Às vezes ela não vinha.

O cão vinha à porta afrito, era para eu saber que ela não queria vir, eu tinha que ir lá buscá-la, ele ia logo à frente.

Eu chegava à fazenda e trazia a burra, ele vinha todo contente à frente.

O nome do cão era Judice.

Eu andava à azeitona e às vezes a minha mulher mandava o comer pela minha filha mais velha que tinha uns quatro a cinco anos, o cão ia com ela, mas ele é que levava as coisas na boca. Se era um tarro ele levava na boca, se era uma cesta ou bolsa era a mesma coisa mas ninguém lhe tocava e ele não deixava as coisas. Ele não deixava as coisas, o pessoal que andava lá queriam tirar as coisas para me darem, mas ele não deixava lá mexer até que eu viesse buscar, as mulheres que andavam lá comigo na azeitona queriam beijar a miúda mas ele não deixava que lhe tocassem.

Eu pegava nas coisas e ele ficava todo contente, a miúda vinha-se embora e ele logo atrás dela até casa, a mulher ia à central com a burra.

O cão ficava contente ao ver a dona marchar com a burra. Ia sempre à frente.

Naquele tempo não havia máquinas para lavar a roupa, as mulheres iam para as ribeira lavar a roupa, a minha também ia, mas o cão também ia com ela para a guardar.

No Verão ia tomar banho e depois abanava-se ao pé da roupa das outras mulheres que ele sabia qual era a roupa da dona, as mulheres ralhavam mas ele ia-se esconder à sombra das pedras escutar as conversas das mulheres.

Uma vez foi tomar banho quando veio fez a mesma coisa e foi-se para debaixo de uma pedra. Quando a outra mulher viu a roupa salpicada pelo cão pôs-se a ralhar com a minha mulher, ele estava a ver os manejos que a mulher fazia com os braços, ele veio debaixo da pedra e foi-se por ao lado da dona, a mulher ao ver o cão queria-lhe bater, a minha disse-lhe: Não lhe toque que ele morde-lhe. Eu ajudo-lhe a lavar a roupa.

Mas a mulher não quis, só queria bater no cão. A minha mulher já não o queria levar com ela, mas ele quando via a dona arranjar as coisas ele ia para a frente, sem a dona saber.

Quando chegava aquele sítio ele lá estava à espera.

Quando ela chegava ao pé dele ralhava-lhe para ele voltar mas ele ia para a frente, sabia onde era a ribeira.

Agora eu com o cão e a burra fazíamos umas comédias, eu punha nos lábios uma bolacha e a burra tirava-me a bolacha da boca.

O nome da burra era Andorinha, porque eu criei-a de nova e ensinei-a, ia atrás de mim para todo o lado.

O cão também ia com as minhas filhas para a mestra, ia guardá-las.

Eu no percurso que fiz para a Central da Velada andava 24 km por dia e também contei os passos que dava por dia, eram 17.500 para lá e para cá. Eram 35.000 por dia. Em 30 dias, 5 milhões e cem mil, contei até aos 30 anos que são 61 milhões e 200 mil.

As minhas pernas têm muitos km.

Eu a andar parecia um galgo ainda hoje com a idade que tenho, ainda ando bem. Com a minha idade não andavam tão ligeiros como eu.

Eu além de ir contar 78 anos no dia 29 de Março.

Eu sou baírrista a fundo e sou nicense a fundo. Eu pago quotas para o Nisa e Benfica (200 escudos), para a Sociedade (100 escudos), para o Rancho da Falagueira (100 escudos), para a Cruz Vermelha pago (3 contos) por ano, as quotas são 1.800 escudos mas eu achei pouco e dei 3.000 escudos e ainda pago mais 200 escudos para os Bombeiros que eu sou o Bombeiro mais velho da corporação e da terra.

Agora se Nisa tivesse metade como eu isto era um mimo, eu fui cobrador do clube da terra que é o Nisa e Benfica e também fui cobrador

da Banda da Música que eu recebia as quotas de graça e pagava nessa altura 100 escudos de quota e meti a minha esposa sócia que paga 20 escudos hoje e paga também para o Nisa e Benfica que as quotas são 200 escudos. Ela não vai a parte nenhuma mas paga para ajudar, e eu torno a dizer se Nisa tivesse muitos niseses como eu isto era um mimo.

Eu como tinha a burra tinha que ir ceifar feno e também tinha que comprar fardos de palha para dar ao animal. Para eu ir ceifar o feno eu não tinha férias, ia a minha mulher levar as encomendas aos empregados por mim.

Eu também fui dois dias moleiro em tempos, depois comprei uma fazenda só com oliveiras e figueiras. Eu mandei fazer uma casa de habitação para habitar e mandei abrir um furo com 50 metros e depois mandei fazer um tanque grande que leva 24 metros de água e mandei montar um moinho de vento para tirar a água do furo e mandei fazer um palheiro para a comida e um pombal e um galinheiro para as galinhas e um tanque para os patos nadarem.

Também pôs um telefone.

Mais tarde vendi a fazenda à minha filha que tomou conta dela.

Agora com isto vou terminar a história da minha vida. Isto foi o que eu passei.

*Antonio Maria Belido*



Eu António Maria Polido.

vou contar a história da minha vida. Desde miúdo, aos 11 anos de idade sai da escola em Fevereiro de 1932 em Julho fui com os guarda-fios e trabalhadores para a linha de alta-tensão que sai da Central da Bruceira que vai para Castelo Branco.

Eu era guarda da copa do pessoal além desses homens havia mais três rapazes que dois eram aguadeiros e o outro era o cozinheiro ia com ele à lenha e fazia o lume para cozer o almoço e o jantar, cada um tinha a sua panela e uma certam.

Eu naquele tempo ganhava 25 tostões por dia e como era miúdo era muito estimado pelo pessoal, todos me queriam bem. Andei até acabar a linha, andei lá dois meses.

Iamos segundas-feiras e vinham-mos sábado à tarde.

No Inverno deste mesmo ano fui para casa de um lavrador guardar sumos e mais tarde vacas, depois cabras, mais tarde fui ajudante de pastor, e no ano seguinte, na Primavera fui alavoeiro com o meu pai. Acabou-se de ordenhar as ovelhas, fui para o canal da água que sai da praia do Racheiro que vai para a Central da Velada, fui trabalhar para o túnel 4, fui para a primeira boca.

Eu era o ferramenteiro andava a apanhar as brocas rombas que os trabalhadores andavam a furar o túnel com o martelo, eu trazia as brocas rombas, que ia levar ao ferreiro para as aguçar.

Andava assim todo o dia, andava para lá e para cá.

Também trabalhei de noite.

Trabalhava quinze dias de noite e quinze dias de dia.

De noite entrava ao sol posto, e saía ao nascer do sol.

Vinha para casa deitava-me, só me levantava quando a minha Mãe me chamava para ir para o trabalho. Eu levava uma bolsa com o comer para o almoço e para o jantar.

O almoço era às oito da noite e o jantar era às três e meia da noite. Nascia o sol, o pessoal da noite saía e entrava o pessoal do dia.

Andei lá dois meses no túnel, mais tarde mandaram-me embora que já lá não fazia falta.

No Verão de 1934 fui trabalhar para a linha de telefone que vai para a Central da Velada.

Eu fui ser o cozinheiro e o aguadeiro dos homens que andavam a abrir covas para os postes do telefone da Central. Havia também um guarda-fios que era o encarregado dos homens.

A 11 de Outubro do mesmo ano fui para a Central da Velada com uma burra levar encomendas aos empregados que lá habitavam e o correio da empresa. Andei nesse percurso 25 anos e 11 dias. Ao fim deste tempo fui trabalhar para a barreira com o senhor José Reizinho que era o jardineiro, passei a ir um dia para a barreira e um dia de compras.

Andei na barreira 1 ano e 11 meses ao fim deste tempo passei para a Central da Bruceira, porque o homem que lá andava foi reformado e mandaram-me para lá a mim.

Ia um dia à Bruceira e outro à Velada. Andei neste percurso 14 anos.

Mais tarde como acabaram os recados mandaram-me para Nisa para o Armazém. Eu não sabia o que era um Armazém, não conhecia o material que lá havia.

Quando me davam as requisições para eu aviar eu ia chamar um electricista para me ensinar o material do Armazém. Eu com o tempo fui aprendendo a conhecer o material.

Mas com o tempo fui-me desentascando, ao fim de 30 dias já sabia quase tudo do que havia no Armazém.

Também ia com os guarda-fios para rondas e avarias, e também aviava os recados do escritório ia ao banco, ao correio e várias coisas. Andei no Armazém só 2 anos. Ao fim deste tempo foi para fiel de armazém o senhor Emílio Cebola estive mais quatro anos com ele. Ao todo estive no Armazém 6 anos.

Eu meti as férias para um de Abril.

Mas mais tarde saiu um decreto que eu já lá não voltei. Acabei as férias, passei a pré-reforma até aos 65 anos, até que fui reformado pela Caixa. Eu sai aos 59 anos de idade da empresa. Andei 45 anos e 5 meses na empresa.

Em particular como o meu ordenado era pequeno e tinha muita despesa com a burra, a minha mulher ia à Central da Velada e à Bruceira, quando eu ia trabalhar.

Fu andei na serração do senhor José Correia e também andei numa camioneta a apanhar redes de cortiça da Casa Inglesa para a Estação do Peso.

Éramos dois ajudantes e fiz vários serviços que eu podia fazer.

Também andei dois meses numa debulhadora.

Fu ia fazer o que me batia à porta.

Mais tarde fui guarda da energia nuclear, eu fazia aos domingos e feriados.

Tempos depois passei a fazer noites. Andei lá 5 anos. Eu era o guarda-mor.

Quando me casei o meu pai e minha mãe deram-me uma burra para eu levar as compras aos empregados. Ao fim de quatro anos morreu-me a burra com angina.

Eu tinha que levar as encomendas às costas.

Tempos depois um primo da minha mulher, tinha um burro, que no Verão foi para a cortiça e emprestou-me o burro até que ele saiu da cortiça.

Mais tarde o meu sogro comprou uma burra que me emprestava quando eu tinha preciso dela.

Passado uns tempos comprei uma burra para criar, mas tive que ir ao banco levantar o dinheiro para pagar a mesma.

Naquele tempo passei muito para criar os filhos, mas com o tempo tudo se passou mal ou bem eu tinha um cão que era muito entendido, fazia tudo o que eu lhe mandava fazer, ia comigo à Central.

Não deixava mexer em mim e na burra. Quando ia a minha mulher à Central ele ia com ela, guardava-a.

Quando as filhas eram pequenas ele não deixava mexer nelas.

Morreu de velho eu na casa, eu tinha um bocado de terra à renda, onde semeava a comida para a burra depois de ceifar e atar o feno ia lá levar a burra. O cão estava lá a guardá-la, mas ao sol posto vinham ter à porta. Às vezes ela não vinha.

O cão vinha à porta alito, era para eu saber que ela não queria vir, eu tinha que ir lá buscá-la, ele ia logo à frente.

Eu chegava à fazenda e trazia a burra, ele vinha todo contente à frente.

O nome do cão era Jadice.



Eu andava à azeitona e às vezes a minha mulher mandava o comer pela minha filha mais velha que tinha uns quatro a cinco anos, o cão ia com ela, mas ele é que levava as coisas na boca. Se era um tarro ele levava na boca, se era uma cesta ou bolsa era a mesma coisa mas ninguém lhe tocava e ele não deixava as coisas. Ele não deixava as coisas, o pessoal que andava lá queriam tirar as coisas para me darem, mas ele não deixava lá mexer até que eu viesse buscar, as mulheres que andavam lá comigo na azeitona queriam beijar a miúda mas ele não deixava que lhe tocassem.

Eu pegava nas coisas e ele ficava todo contente, a miúda vinha-se embora e ele logo atrás dela até casa, a mulher ia à central com a burra.

O cão ficava contente ao ver a dona marchar com a burra. Ia sempre à frente.

Naquele tempo não havia máquinas para lavar a roupa, as mulheres iam para as ribeira lavar a roupa, a minha também ia, mas o cão também ia com ela para a guardar.

No Verão ia tomar banho e depois abanava-se ao pé da roupa das outras mulheres que ele sabia qual era a roupa da dona, as mulheres ralhavam mas ele ia-se esconder à sombra das pedras escutar as conversas das mulheres.

Uma vez foi tomar banho quando veio fez a mesma coisa e foi-se para debaixo de uma pedra. Quando a outra mulher viu a roupa salpicada pelo cão pôs-se a ralhar com a minha mulher, ele estava a ver os manejos que a mulher fazia com os braços, ele veio debaixo da pedra e foi-se por ao lado da dona, a mulher ao ver o cão queria-lhe bater, a minha disse-lhe: Não lhe toque que ele morde-lhe. Eu ajudo-lhe a lavar a roupa.

Mas a mulher não quis, só queria bater no cão. A minha mulher já não o queria levar com ela, mas ele quando via a dona arranjar as coisas ele ia para a frente, sem a dona saber.

Quando chegava aquele sítio ele lá estava à espera.

Quando ela chegava ao pé dele ralhava-lhe para ele voltar mas ele ia para a frente, sabia onde era a ribeira.

Agora eu com o cão e a burra fazíamos umas comédias, eu punha nos lábios uma bolacha e a burra tirava-me a bolacha da boca.

O nome da burra era Andorinha, porque eu criei-a de nova e ensinei-a, ia atrás de mim para todo o lado.

O cão também ia com as minhas filhas para a mestra, ia guardá-las.

Eu no percurso que fiz para a Central da Velada andava 24 km por dia e também contei os passos que dava por dia, eram 17.500 para lá e para cá, eram 35.000 por dia. Em 30 dias, 5 milhões e cem mil, contei até aos 30 anos que são 61 milhões e 200 mil.

As minhas pernas têm muitos km.

Eu a andar parecia um galgo ainda hoje com a idade que tenho, ainda ando bem. Com a minha idade não andavam tão ligeiros como eu.

Eu além de ir contar 78 anos no dia 29 de Março.

Eu sou baírrista a fundo e sou nicense a fundo. Eu pago quotas para o Nisa e Benfica (200 escudos), para a Sociedade (100 escudos), para o Rancho da Falagueira (100 escudos), para a Cruz Vermelha pago (3 contos) por ano, as quotas são 1.800 escudos mas eu achei pouco e dei 3.000 escudos e ainda pago mais 200 escudos para os Bombeiros que eu sou o Bombeiro mais velho da corporação e da terra.

Agora se Nisa tivesse metade como eu isto era um mimo, eu fui cobrador do clube da terra que é o Nisa e Benfica e também fui cobrador

da Banda da Música que eu recebia as quotas de graça e pagava nessa altura 100 escudos de quota e meti a minha esposa sócia que paga 20 escudos hoje e paga também para o Nisa e Benfica que as quotas são 200 escudos. Ela não vai a parte nenhuma mas paga para ajudar, e eu torno a dizer se Nisa tivesse muitos nisenses como eu isto era um mimo.

Eu como tinha a burra tinha que ir ceifar feno e também tinha que comprar fardos de palha para dar ao animal. Para eu ir ceifar o feno eu não tinha férias, ia a minha mulher levar as encomendas aos empregados por mim.

Eu também fui dois dias moleiro em tempos, depois comprei uma fazenda só com oliveiras e figueiras. Eu mandei fazer uma casa de habitação para habitar e mandei abrir um furo com 50 metros e depois mandei fazer um tanque grande que leva 24 metros de água e mandei montar um moinho de vento para tirar a água do furo e mandei fazer um palheiro para a comida e um pombal e um galinheiro para as galinhas e um tanque para os patos nadarem.

Também pôs um telefone.

Mas tarde vendi a fazenda à minha filha que tomou conta dela.

Agora com isto vou terminar a história da minha vida. Isto foi o que eu passei

*Antonio Maria Solís*